

A práxis da mídia-educação na ressignificação da escola como agente de mediação¹

Mariana Ferreira LOPES²

Nayara Carvalho COUTINHO³

Gabriela Spagnuolo CAVICCHIOLI⁴

Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR

Resumo

O desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da informação reconfigura aspectos da sociedade contemporânea tais como o processo cognitivo, a socialização e a relação espaço-temporal, influenciando diretamente as crianças e adolescentes que crescem e se relacionam amparados por essa cultura midiática. Este cenário coloca à escola o desafio de entender a mídia como meio ensinante e utiliza-la em seu cotidiano para um consumo reflexivo e uma resposta criativa aos meios de comunicação. Nesse sentido, este artigo possui como objetivo analisar e refletir a importância da escola como espaço de mediação entre os conteúdos midiáticos e o público infanto-juvenil, bem como colocar a práxis da mídia-educação como alternativa para a concretização deste diálogo.

Palavras-chave: Mídia-educação; Mediação escolar; Infância e mídia.

Introdução

O atual estágio da sociedade é objeto de estudo das mais variadas áreas do conhecimento, isso se deve em grande parte à complexidade que a assola. No âmbito comunicacional, entre as principais mudanças promovidas pelas tecnologias da informação e comunicação estão as transformações no âmbito da cognição humana, aspecto este que tem trazido diversas consequências no que diz respeito à construção do conhecimento, agora muito mais desconexo, descontínuo, rápido e fugaz, principalmente quando temos como foco de estudo as novas gerações. Torna-se evidente a marcante presença dos aparatos midiáticos na vida e formação de crianças e jovens em um quadro no qual as brincadeiras de rua e as relações com outras crianças são preteridas por vídeo-games, programas televisivos e conversas por internet. Sendo

¹ Trabalho apresentado no GP Interfaces Comunicacionais, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Especialista em Comunicação Popular e Comunitária pela mesma instituição e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Email: flopes.mariana@gmail.com

³ Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente, cursa especialização em Comunicação Popular e Comunitária, também pela UEL. Email: nayaracoutinho@yahoo.com.br

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-graduanda em Comunicação Popular e Comunitária pela UEL. Email: gabi_uel@hotmail.com

estes meios de comunicação ensinantes e competitivos com a educação familiar e escolar, não é desproposital que o assunto circule pelas salas de aula e recaia na necessidade de se refletir e praticar uma educação para, com e através das mídias, ou seja, que se busque a práxis da mídia-educação.

Tendo a escola como um dos principais espaços de construção e reconstrução de conhecimento parece inquestionável que ela acompanhe as transformações ocorridas na sociedade para que sua ação seja significativa e verdadeira, já que não se pode ignorar a importância da mídia para as experiências e formação de opiniões e comportamentos dos indivíduos na sociedade atual. No entanto, o que realidade tem nos apontado é um enorme descompasso entre a instituição escolar e as crianças, adolescentes e jovens que a constituem. Muitos estudos apresentam a ineficiência e a obsolescência da escola e apontam para a necessidade de uma revisão – senão de uma transformação - de suas propostas e ações.

O que hoje se observa na escola é a chegada de um aluno que vê, olha, ouve, sente, sonha, ri e chora, percebe, fala e aprende de forma drasticamente distinta daquela prestigiada pela escola, de um jeito bem articulado com essas tecnologias e códigos da imagem e do som⁵.

A partir deste cenário, este artigo procura identificar e analisar como a práxis da mídia-educação pode se apresentar como uma das possibilidades de ressignificação da instituição escolar enquanto espaço de mediação social, ou seja, que seja capaz de estruturar, organizar e reorganizar a percepção e a apropriação da realidade social por parte dos receptores⁶. Para esta análise busca-se um levantamento bibliográfico acerca dos temas em questão – mediação escolar; mídia-educação e a relação infância e mídia – de forma a traçar um panorama que leve a uma perspectiva propositiva de reflexão sobre a importância da mídia-educação na sociedade contemporânea.

O sujeito na era midiática:

A rapidez e a intensidade das mudanças que marcam este início de século exigem novas maneiras de avaliar a relação sujeito-tecnologia, uma vez que as transformações causadas pelo novo processo de interação e dependência apontam para a necessidade de redescrever a própria natureza dos processos comunicativos. O excesso

⁵ Leite, Mathias, Gioielli, Sousa, 2006, p.138.

⁶ Nascimento e Santos, 2006.

de informações produzido atualmente⁷, graças à expansão da informática, provoca mudanças de comportamento e percepção da realidade a partir dos meios de comunicação, bancos de dados e aparatos tecnológicos a serviço dos fluxos da informação como satélites, infovias e tecnologias multimídias. Caracteriza-se, assim, um quadro de superinformação em que se prioriza a troca exacerbada de informações preterindo, nesse processo vicioso, a qualidade do conteúdo. Segundo Patrícia Burrowes⁸, nesse processo:

A percepção é fragmentária, dispersa e veloz; da afirmação lacaniana que o “pensamento é estruturado como uma linguagem”, entendo: para ser compreendido e compartilhado, o pensamento precisa ganhar essa organização, a estrutura de uma linguagem. A reflexão é a pausa (esse silencioso trabalho) que organiza: para a fala, para a escrita ou outro modo de expressão. Navegando pela rede, ou zapeando de um a outro canal de TV, a percepção segue o fluxo em sua anarquia, sem se deter, como numa hipnose. Cada tela tem uma significação instantânea a ser reconhecida, que logo será apagada em função de outra.

No entanto, é preciso ir além das considerações técnicas para compreender o impacto da sociedade da informação na contemporaneidade. Enquanto instâncias para produção, veiculação e a recepção de formas simbólicas – que ganham o status de mercadoria nos processos de comunicação de massa⁹ –, as diversas mídias, ao determinarem comportamentos e juízos de valor, reestruturam as experiências do sujeito e rearticulam o espaço humano de realização¹⁰. Nesse sentido, os meios de comunicação se colocam como lócus de apropriação do cotidiano pelo qual os indivíduos passam a se relacionar e compreender o mundo que os cerca, gerando novas formas de socialização.

⁷ Circularam pelo universo digital desde janeiro deste ano aproximadamente 685 exabytes de informação, ou seja, 685.000.000.000.000.000.000. Em 2007, o número de informações que circularam de janeiro a novembro foi de 217,982 exabytes de informação, o que significa três vezes menos informação. O relógio de contagem de dados que circulam no “universo digital” está disponível em <http://www.emc.com/leadership/digital-universe/expanding-digital-universe.htm>, acessado em 04/07/2010.

⁸ Burrowes, 2007, p.6

⁹ THOMPSON (1998, p. 33) afirma que “a comunicação de massa implica a mercantilização das formas simbólicas no sentido de que os objetos produzidos pelas instituições da mídia passam por um processo de valorização econômica”. Esta interpretação evoca a conceituação de indústria cultural cunhada por pensadores da Escola de Frankfurt para explicar o processo de criação das manifestações culturais no cerne do capitalismo e a transformação da cultura em mercadoria.

¹⁰ Sodré (2006).

Um estudo realizado em 2008 pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)¹¹ mapeou em 14 países latino-americanos a regulamentação da mídia na garantia e na promoção dos direitos de crianças e adolescentes. A pesquisa apontou que as novas gerações dedicam parcelas cada vez maiores de seu tempo à interação com os meios de comunicação, fundamentalmente com a televisão. A pesquisa identificou alguns fatores que contribuem para que a mídia se torne atualmente um dos principais instrumentos de socialização entre crianças e adolescentes.

Primeiramente, os temas abordados na mídia conseguem estar mais próximos da realidade e dos interesses imediatos deste público e, também, a socialização pela linguagem audiovisual é com certeza mais atrativa e simples do que aquelas relacionadas a conceitos abstratos como acontece na escola, por exemplo. Além disso, a maior permanência de crianças e adolescentes em suas residências - resultado dos crescentes índices de violência -, a reestruturação das famílias que diminuem seu tempo dedicado às tarefas de socialização e o baixo custo de acesso aos meios de comunicação abertos garantem um tempo cada vez maior dedicado à socialização com os meios de comunicação.

Essa empatia tecnológica se entrecruza com a empatia cognitiva - feita de uma grande facilidade na relação com as tecnologias audiovisuais - o que Martín-Barbero (2003) denomina de cumplicidade expressiva, na qual os relatos e imagens, as sonoridades, fragmentações, velocidades e os ritmos dos jovens produzem novas comunidades que respondem a novos modos de perceber e de narrar as identidades¹².

A midiática da sociedade implicou, portanto, em mudanças nas novas gerações tal qual esta vinha sendo apresentada. Baitello¹³ argumenta que as crianças e os adolescentes tidos como consumidores midiáticos são submetidos cada vez mais a uma gama de informações que antes era de certa forma restrita ao mundo adulto, acarretando num processo de senilização infanto-juvenil. A atenuação entre o mundo infantil e adulto, de maneira menos apocalíptica, é também apontada nas análises de Buckingham¹⁴ sobre as mudanças da infância midiática. O pesquisador britânico coloca que,

¹¹ O estudo aconteceu com o apoio da Save The Children Suécia

¹² Leite, 2005, p.13

¹³ Baitello, 2005, p. 27.

¹⁴ Buckingham, 2007.

Em um certo nível, as crianças mais velhas não podem mais ser tão facilmente protegidas de experiências que eram tidas como moralmente prejudiciais ou inadequadas ao seu desenvolvimento.(...) E, contudo, as crianças, principalmente as pequenas, participam cada vez mais de mundos culturais e sociais que são inacessíveis, e mesmo incompreensíveis, para os seus pais¹⁵.

Desafios da educação na era midiática:

As consequências da midiaticização na sociedade recaem também nas instituições historicamente determinadas e encarregadas da educação do público infanto-juvenil. Em nossa sociedade, o espaço destinado à transmissão-assimilação dos conhecimentos de maneira formal é a escola, que não pode ser entendida como instituição independente e auto-suficiente. O papel social da escola é analisado de diferentes formas, por diversos autores. No final da década de 1970, emerge no Brasil a concepção dialética em torno dos estudos da educação, que acredita ser a escola capaz de produzir e transformar ao mesmo tempo, pois possui um trabalho essencialmente político. No entanto, a instituição escolar não pode ser a única responsável pelas transformações sociais. Ela tem possibilidades de realizar um trabalho crítico de formação dos indivíduos, socializando e democratizando as formas de contato com diferentes saberes. Em suas obras, Paulo Freire enfatiza o dialogo como alicerce para uma educação que tenha como objetivo a construção de uma sociedade justa e democrática. Assim, o dialogo se constitui como respeito aos sujeitos bem como expressão de uma prática social libertadora¹⁶. O autor ressalta que os agentes sociais em seu amplo aspecto – aqui os educadores – devam ter um olhar diferenciado frente à utilização das mídias, possibilitando uma formação cidadã, emancipatória e democrática.

Tendo em vista o cenário da sociedade contemporânea, para que a escola cumpra seu papel social é necessário saber empregar e problematizar a relação entre os jovens e os meios de comunicação, visto as grandes transformações que as novas mídias e aparatos midiáticos vem impondo a esses sujeitos.

Cabe à escola ensinar o aluno a lidar com a informação e não a consumi-la apenas. Por isso é necessário que os meios técnicos de

¹⁵ Buckingham, 2007, p. 147.

¹⁶ Gadotti, 1989

informação estejam à disposição da escola; que a ciência e a tecnologia façam parte de seu cotidiano reflexivo.¹⁷

Situados como uma escola paralela - a partir de um processo de educação informal - os meios de comunicação colocam à escola formal algumas implicações no processo educativo de crianças e jovens que vivenciam cotidianamente experiências mediadas por esses veículos. Isso porque este espaço – educação formal – não atendeu à demanda social através de suas metodologias e forma de transmitir o conhecimento socialmente acumulado. Faz-se necessário rever e refletir alguns paradigmas frente à presença cada vez maior dos meios de comunicação na vida cotidiana dos sujeitos.

Essa nova realidade — a socialização num ambiente midiático — propicia uma mudança no paradigma da produção e da divulgação do conhecimento, alterando significativamente nossa maneira de ser e conhecer, nosso estar no mundo, nosso estatuto como cidadãos. A escola, como instituição social historicamente legitimada, na cultura ocidental, para a produção e transmissão cultural, vê-se desafiada em suas estratégias de organização do saber¹⁸.

Orozco¹⁹ elenca alguns desafios impostos pela mídia às instâncias educacionais: os conteúdos, as formas de construção, os recursos técnicos e a relevância. O autor explica que os meios de comunicação lançam na sociedade uma série de informações carregadas de significados, que se colocam como bens de consumo e produtos culturais. As formas de construção, apresentação e transmissão dessas mensagens variam conforme as especificidades dos suportes midiáticos, e por isso se constituem em linguagens que são determinadas pelos recursos técnicos e códigos presentes em cada veículo. Os adventos tecnológicos permitem a esses meios, sobretudo à televisão, inovações que intensificam a sua capacidade de representação da realidade, da mesma forma em que as novas tecnologias são pautadas cada vez mais pela convergência das mídias.

Este cenário demonstra uma situação desfavorável das instâncias educativas frente aos desafios da era midiática e impulsionam um dilema à escola e aos professores: “ou enfrentamos os MCM com astúcia, estratégia e métodos ou corremos o

¹⁷ Mares Gui Neto apud Sampaio e Leite, 2001, p. 49.

¹⁸ Fonseca, 2004, p. 22.

¹⁹ Orozco Gómez, 1997.

risco de perder relevância como educadores. Isto é, correremos o risco de ficar fora da jogada educativa”²⁰. Professores e escola devem posicionar-se enquanto agentes mediadores entre os conteúdos dos meios de comunicação e o processo de recepção dessas mensagens pelos estudantes e criar formas de resposta. A escola é um espaço de apropriação da mídia e deve se posicionar como um local de intensificação da reflexão crítica sobre os meios de comunicação, e assim possibilitar e ampliar os espaços de produção e de difusão de novos modos de significar o mundo, utilizando as mesmas tecnologias:

O conteúdo midiático a que as crianças e os adolescentes têm acesso é trocado, debatido, discutido, confrontado em inúmeras experiências no cotidiano da escola, seja no pátio, na cantina, nos corredores, ou mesmo do lado de fora dos muros, nas calçadas, antes e depois da aula. A mediação escolar é aquela ação institucional planejada de modo participativo pelos professores a fim de que a escola tenha um espaço formal para o debate sobre a mídia possa ocorrer de forma sistematizada, para além das mediações que informalmente já ocorrem no cenário escolar²¹.

A escola deve assumir o seu papel como espaço para a crítica ao consumo social das mídias e produzir uma resposta social a esse consumo; fazendo, desta forma, circular a “ciranda de sentidos”, termo cunhado por Orofino para “brincar com o conceito de mediação, que em síntese se refere à circulação de significados no cenário social e aos diferentes modos de tradução, apropriação e consumos desses sentidos”²².

A mediação escolar

A mediação é uma inovação dentro dos estudos de recepção que busca compreender a relação entre a cultura e as mídias, entendendo a comunicação como um processo. Por ser um campo ainda muito recente não há um consenso a respeito das mediações. Podemos compreender mediação como sendo um “(...) conjunto de fatores que estruturam, organizam e reorganizam a percepção e a apropriação da realidade social, por parte do receptor”²³. Um dos autores que melhor procurou definir o conceito de mediação foi Orozco Gómez que propõe um enfoque integral da recepção através da perspectiva das múltiplas mediações. Segundo o autor, várias são as fontes de mediação:

²⁰ Idem, p. 61.

²¹ Orofino, 2008, p.122.

²² Idem, p. 120-121.

²³ Nascimento, Santos, 2006, p.107

La mediación se origina em varias fuentes: en la cultura, en la política, en la economía, en la clase social, en el género, en la edad, en la etnicidad, en los medios, en las condiciones situacionales y contextuales, en las instituciones y en los movimientos sociales. También se origina en la mente del sujeto, en sus emociones y en sus experiencias. Cada una de estas instancias es fuente de mediaciones y puede también mediar otras fuentes.²⁴

Para Orozco Gómez, as mediações podem ser divididas em quatro grupos: individual, situacional, institucional e vídeo-tecnológica. A primeira está relacionada ao sujeito e suas dimensões cognitivas e subjetivas. A mediação situacional preocupa-se com a situação de interação entre os meios de comunicação e o público. A mediação institucional considera as instituições sociais espaços de mediação dos conteúdos midiáticos. Por fim, a mediação vídeo-tecnológica que é uma mediação produzida pela TV que utiliza recursos próprios para representar a realidade social.

Para os estudos de recepção, a análise do cotidiano é fundamental já que é nesse espaço que as mediações acontecem e que o processo da comunicação adquire sentido. Sendo assim, podemos considerar o espaço da escola como um cenário de muitas mediações já que é um ambiente de socialização de crianças e adolescentes e muitos saberes são trocados no ambiente escolar, principalmente nos espaços de convivência durante as conversas de corredores, brincadeiras e jogos. Nestas interações ocorrem as produções de sentido sobre os conteúdos que são veiculados pelas mídias e consumidos diariamente. No entanto, estas negociações de sentido acontecem muito mais no âmbito das mediações individual e situacional, ou seja, no espontaneísmo, do que com a atuação direta e efetiva da instituição escolar²⁵. Neste sentido, é preciso assumir o papel educativo da escola no processo de mediação estimulando o debate social sobre os meios de comunicação na busca pela ressignificação dos conteúdos e a produção de uma resposta criativa à mídia.

A ressignificação do espaço escolar como lócus de mediação ecoa na necessidade de se pensar um profissional que se posicione como um agente mediador deste processo. O mídia-educador ou educador deve buscar em sua formação e em sua atuação articular as suas competências com as necessidades dos educandos, da

²⁴ Orozco Gómez, 1993, p.34

²⁵ Orofino, 2005, p.65

escola e da sociedade. Para Jacquinot²⁶, este educador do século XXI deve possuir conhecimentos tanto das ciências da educação como da ciência da comunicação e estar consciente e aberto para as especificidades de seu tempo. A autora coloca que o educador torna-se responsável pela formação cidadã de seus alunos ao corrigir os efeitos provocados pela mídia e ao valorizar as diversas formas de aprendizagem de conhecimentos, comportamentos e valores²⁷. Para que isso se efetive de forma plena, Jacquinot tensiona que “é tempo que a educação mediática saia do gueto que a torna um suplemento da “alma democrática” para vitalizar todo o tecido escolar”²⁸. Reflexões neste sentido vem sendo pensadas e postas em prática por alguns países como Canadá, Austrália, Grã Bretanha e África do Sul²⁹.

No Brasil este é um tema que está sendo discutido nas universidades – nos cursos de licenciatura e de comunicação social –, nas ações do governo e da sociedade civil. O Ministério da Educação, no ano de 1996, através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que contempla os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), incentivou o desenvolvimento de projetos e ações voltados aos conteúdos das comunicações. O item Temas Transversais do documento supracitado abarca a instalação de aparelhos televisivos e videocassetes nas salas de aula de escolas da rede pública; bem como o incentivo à formação a distancia. Destaca-se que nesta perspectiva, no ano de 2007, por decreto de lei nº. 6.300, o governo federal criou o Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo, que visa a informatização do ensino. Porém, conforme Fantin³⁰,

Num país com dimensões continentais, diversas experiências realizadas por ONGs são desenvolvidas na perspectiva da “educação para a mídia”, apesar de ainda serem poucas as escolas que desenvolvem algum tipo de trabalho mais sistemático nesse sentido, em razão da quase ausência de apoio governamental por meio de políticas que a incluam na grade curricular.

A autora destaca a aprovação de lei municipal da cidade de São Paulo, no ano de 2004, que instituiu o Programa Educom.Rádio – educomunicação pelas ondas

²⁶ Jacquinot, 1998, p. 10.

²⁷ Idem, p. 15.

²⁸ Idem, p. 15.

²⁹ Para mais detalhes sobre as práxis da mídia-educação nesses países, cf. Fantin, 2006.

³⁰ 2006, p.61.

do rádio³¹ – nas escolas públicas do município. Outros centros de discussões sobre o tema são: o Núcleo de Comunicação e Educação da USP, o Núcleo de Infância, Comunicação e Arte da UFSC; e a empresa Multirio e ONGs como ANDI e MídiaTiva. Estes espaços de atuação e discussão sobre mídia-educação demonstram a preocupação pelo tema e a necessidade de se aprofundar teórico-metodologicamente neste campo em nosso país.

A práxis da mídia -educação na circulação da ciranda de sentidos:

A práxis da mídia-educação, aqui entendida como a

adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para produzir mídias também. Neste sentido, esta discussão também envolve os direitos das crianças, pois mais que prover e/ou proteger as crianças dos meios há que se pensar em formas de prepará-las mais eficazmente para as responsabilidades do ser criança hoje. Capacitá-las a partir de suas especificidades, analisar e refletir sobre suas interações com as mídias e criar condições para a participação (na medida do possível) em decisões que dizem respeito a este contexto,³²

torna-se uma alternativa para a ressignificação do espaço escolar como instância mediadora entre os meios de comunicação e as crianças e os adolescentes, enquanto receptores dessas mídias. Diversas intervenções nesse sentido vem sendo construídas e identificadas ao longo do tempo, sendo ainda utilizadas de forma independente ou no emprego de aspectos pontuais desses processos. Fantin³³ promove uma classificação dessas reflexões e práticas compreendendo as seguintes fases: inoculatória; leitura crítica; ideológica e das ciências sociais.

A primeira fase, que se apresentou entre as décadas de 1930 e 1960, compreende as práticas e reflexões que tinham por objetivo proteger as crianças e os jovens dos efeitos nocivos dos meios de comunicação de massa. Influenciados pelas

³¹ “A proposta final do Projeto Educom.Rádio era levar os participantes a discutir e aplicar as metodologias de planejamento para a implementação de trabalhos curriculares e extracurriculares, com a produção radiofônica e multimidiática, a partir da aplicação dos conceitos educacionais nos planos pedagógicos da escola, o que denominávamos de planejamento de práticas educacionais”.

Para mais, cf MACHADO, Eliany Salvatierra et alii. **A Democratização dos meios pelo projeto Educom.Rádio: um sonho possível**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos>

³² Fantin, 2006, p.31

³³ Fantin, 2006.

críticas em torno da cultura de massa e indústria cultural, os educadores adotaram dois posicionamentos: ignoraram esses meios ou realizaram uma resistência cultural a eles, caracterizada por uma educação contra os meios. A concepção da leitura crítica emergiu nos anos de 1960 pautada pelos estudos da semiótica e enxergava na mídia-educação a possibilidade de trazer ao receptor o conhecimento sobre os processos midiáticos. Essas práticas versaram na análise textual das mensagens e se configuraram como uma das metodologias recorrentes da educação para os meios de comunicação, baseada na leitura de imagens e textos.

Na década de 1970, a práxis da mídia-educação ganhou um viés político contextualizado nos governos ditatoriais da América Latina. A fase ideológica teve como pressupostos a ampliação dos estudos semióticos; o entendimento dos meios de comunicação como espaços de reprodução social; e a análise da audiência e seu papel na interpretação das mensagens. No Brasil, essas experiências se constituíram como papel estratégico na luta contra o autoritarismo durante o regime militar, estando presentes principalmente em instituições voltadas à educação popular³⁴. A concepção das ciências sociais se delinea a partir de novas reflexões que emergem e se estruturam nas perspectivas apresentadas pelos Estudos Culturais, na década de 1980³⁵. Os meios de comunicação são entendidos como instâncias de práticas sociais que se relacionam com outras esferas, o que reconfigura as experiências de mídia-educação conforme o estudo dessas relações.

As possibilidades de intervenção da práxis da mídia-educação na formação de um receptor crítico constroem o significado de seu contexto, ou seja, das perspectivas pelas quais ela vem sendo pensada e praticada. Essas são apresentadas por Rivoltella³⁶ como: contexto metodológico ou tecnológico; contexto crítico e contexto produtivo, que, respectivamente, podem ser traduzidos como uma educação com, para e através dos meios de comunicação.

Considerando que num processo de apropriação crítica e criativa sempre se aprende *através* das mídias, seja *com* ou *sobre* elas, as

³⁴ Cf: Fonseca, 2004.

³⁵ O grupo do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, de Birmingham, amplia o conceito de cultura, a partir do entendimento que esta se constitui também de intervenções ativas, manifestando-se de maneira diferenciada a partir de dada formação social ou época histórica. Esse posicionamento rechaçou a hierarquia entre formas culturais, tornando múltiplos os objetos de estudo desse campo, incluindo os meios de comunicação, primeiramente a partir de um cunho ideológico – análise textual - e posteriormente os estudos de audiência. Cf: Ecosteguy, 2001

³⁶ Apud Fantin, 2006, p. 85.

práticas de mídia educação dizem respeito à sua concepção como objeto de estudo, como instrumento de aprendizagem e como forma de cultura³⁷.

As práxis de mídia-educação se derivam dos discursos sobre os direitos das crianças em relação às mídias. Buckingham³⁸ em sua reflexão sobre o tema os apresenta como sendo: o direito à proteção; à provisão; à participação, acrescentando o direito à educação em relação aos meios de comunicação de massa. As análises em torno da configuração entre mídia e infância debatem e ratificam a importância de proteger esse público dos efeitos nocivos de mensagens identificadas como impróprias ou ainda pela submissão a esses conteúdos sem uma prévia escolha ou questionamento dos mesmos. O direito à provisão recai nas iniciativas de defender e exigir programas e materiais de alta qualidade, planejados especificamente para as crianças a partir de suas necessidades e interesses. Buckingham salienta que este é um processo que não deve sustentar-se apenas na regulamentação das mídias para este fim, “é preciso também haver propostas mais ativas de financiar a produção de materiais a que as crianças realmente queiram assistir, e de habilitar as crianças a produzir esses materiais elas próprias³⁹”.

Nesse sentido, a defesa à participação das crianças no espaço midiático que as cerca ampara-se na busca pela democratização aos canais de comunicação e no seu envolvimento com o funcionamento dessas instâncias. Ainda que essa participação se apresente limitada, as novas tecnologias de comunicação podem se abrir às possibilidades de atuação de crianças e adolescentes na formação e produção de conteúdos. A educação para, com e através das mídias estabelece-se como principal processo para alcançar e garantir esses direitos, instituindo-se como um direito em si e contribuindo para uma formação cidadã. A importância da mídia-educação alicerça-se na necessidade de oferecer às crianças e aos jovens oportunidades e conhecimento para interagirem de maneira crítica e consciente com o universo midiático do qual fazem parte.

A mídia-educação significa não apenas proteger a criança, mas também ensiná-la a selecionar e discutir o conteúdo midiático, voltando-se para a formação de um

³⁷ Idem, p. 86.

³⁸ Buckingham, 2007.

³⁹ Buckingham, 2007, p.289.

receptor mais crítico, que segundo Carlsson⁴⁰, não só possa separar o conteúdo que lhe faz bem ou não, como também, que tenha conhecimento acerca dos monopólios midiáticos e desenvolva autonomia para criar uma mídia independente. A partir das práticas de educação para, com e pelos meios de comunicação, que se situam tanto na formação crítica do receptor como também na produção de conteúdos utilizando as mesmas tecnologias, a escola

deve trazer contribuições para a construção de valores e consciências abertas a oferecer respostas que contribuam para o desenvolvimento do consumo cultural reflexivo, questionador e educativo, tão importante para a construção de uma sociedade cidadã⁴¹.

Conclusão

Longe de buscar uma resposta conclusiva para este debate, o presente artigo pretendeu lançar algumas análises de maneira propositiva sobre a ressignificação do espaço escolar como lócus de mediação e colocar a práxis da mídia-educação como possibilidade de concretização desta mediação através de uma educação para, com e através dos meios de comunicação. A infância e a juventude tem sido reconfiguradas pelas transformações da cultura midiática, ao incorporarem em seu cotidiano as experiências vivenciadas a partir dos meios de comunicação, rearticulando suas formas de socialização. A escola, como local de circulação de significados, é desafiada tanto por esses jovens quanto pelas implicações da sociedade midiaticizada para assumir uma postura mais assertiva de seu papel de mediadora nos processos de rearticulação construções sobre a realidade e assim fazer circular a “ciranda de sentidos”. Portanto, são necessárias ações e reflexões sobre as possibilidades que a mídia-educação nos oferecem para que a escola passe de uma instância de mediação situacional para uma mediação institucional.

A práxis da mídia-educação deve criar oportunidades para que crianças e adolescentes possam se relacionar de maneira mais crítica e dialógica com as implicações deste mundo midiaticizado. Fantin⁴², ao sintetizar a perspectiva de mídia-educação, coloca que esta deve pautar-se na ampliação de repertórios culturais; na capacidade crítica de análise e reflexão; na capacidade de criação e da criatividade na

⁴⁰ Carlsson, 2002.

⁴¹ Orofino, 2008, p. 123

⁴² Fantin, 2006, p.100.

expressão e comunicação; e por fim, na cidadania. Esses pontos devem articular-se aos direitos das crianças em relação às mídias: participação, provisão e proteção, constituindo a educação para, com e através dos meios um direito em si. Em um país como o nosso, no qual praticamente inexitem políticas públicas que assegurem formas de atuação da mídia-educação na grade curricular, as ações e reflexões em torno deste tema devem buscar a concretização e a conscientização da importância desta práxis para a sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas:

ANDI, Agência de Notícias do Direito da Infância. **Regulação de Mídia e Direitos das Crianças e Adolescentes:** uma análise do marco legal de 14 países latino-americanos, sob a perspectiva da promoção e proteção. Disponível em: http://www.andi.org.br/noticias/articlefiles/22440-Regulacao_de_midia_e_infancia.pdf, acessado em junho de 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia:** Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BURROWES, Patrícia. O CORPO-LINGUAGEM: Aventuras e desventuras do ser humano cindido na sociedade da informação. Disponível em http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2004/2004_et.pdf. Acesso em: 27/09/2007. 2007.

CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V. (Orgs.). **A criança e a mídia:** imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez, 2002.

DELIBERADOR. Luzia M. Yamashita e LOPES, Mariana Ferreira. **Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR.** Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

ECOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: HOLFELDT, Luiz C. Martino, FRANÇA, Vera Veiga (org). **Teorias da Comunicação:** Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 151-170.

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação:** conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FONSECA, Cláudia Chaves. **Os meios de comunicação vão à escola?** Belo Horizonte: Autêntica/FCH- FUMEC, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 9 ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1983.

_____. **Professora sim, tia não:** cartas a quem gosta de ensinar. 10ª ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** Disponível em:
<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos>. Acessado em maio de 2009.

LEITE, Camila Rodrigues. **O Grupo “Nós na fita”**: análise de uma prática mídia-educativa protagonizada por jovens moradores do Morro Preventório. Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005.

LEITE, Marcelo Henrique; MATHIAS, José Ronaldo Alonso; GIOIELLI, Rafael Pompéia e SOUSA, Mauro Wilton de. **Mediações sociais e práticas escolares**. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org). *Recepção mediática e espaço público*. São Paulo: Paulinas, 2006.

NASCIMENTO, Marta da Rocha; SANTOS, Maria Salett Tauk. **Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção**. In: *Recepção mediática e espaço público*. São Paulo: Paulinas, 2006.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e Mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Ciranda de sentidos: crianças, consumo cultural e mediações*. In: FANTIN, Mônica e GIRARDELLO (orgs). **LIGA, RODA E CLICA**: Estudos em mídia, infância e cultura. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p.113-125.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Professores e Meios de Comunicação**: Desafios, Estereótipos. In *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, (10) set/dez.

_____. **Dialéctica de la mediación televisiva**: Estructuración de estrategias de recepción por los televidentes. *Cuadernos de Comunicación y cultura*. Barcelona, Facultad de Ciencias de la Comunicación, n 15, 1993.

REIS JUNIOR, João (Alegria) Alves dos. **Decifra-me ou Devoro-te**. *Caderno Cedes*, Campinas, vol.25, n.65, p.59-70, jan./abr.2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em: 12 Fev 2007.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8.ed. *Revista e Ampliada*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Eticidade, campo comunicacional e midiatização**. In: MORAES, Denis(org). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

SOUSA, Mauro Wilton. **Recepção mediática e espaço público**. São Paulo: Paulinas, 2006.

THOMPSON, J.B. **Mídia e Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002. 4ª ed.